

Bancos europeus reclamam da reunião em NY

Lista para encontro com Fraga e Malan inclui 10 a 15 bancos, na maioria americanos

FÁBIO ALVES
Correspondente

NOVA YORK – Está longe de ser definida a lista dos bancos que participarão da reunião com o ministro da Fazenda, Pedro Malan, e com o presidente do Banco Central, Arminio Fraga, marcada para segunda-feira na sede do Federal Reserve (Fed) de Nova York. O problema está na participação dos bancos europeus, segundo informou um dos principais executivos de um banco com grande exposição ao Brasil, convidado para a reunião.

“Está difícil fechar a participa-

ção dos bancos europeus. A desculpa oficial é porque a reunião será em Nova York, mas em conversa reservada os banqueiros europeus reclamam da falta de coordenação com as instituições européias”, explicou o executivo. Segundo ele, a coordenação da reunião entre os bancos está a cargo de William Rhodes, presidente do Citigroup, e de Charles Dallara, do Institute of International Finance (IIF), organização que representa os interesses dos bancos internacionais com sede em Washington.

Ontem, um porta-voz do banco alemão WestLB informou à *Agência Estado* que a instituição não havia sido convidada para a reunião com Fraga e Malan e não comentaria sobre a manutenção das linhas de comércio exterior ao Brasil.

Ainda segundo o executivo convidado para a reunião, a lista de

participantes (cujas presenças não foram totalmente confirmadas) está entre 10 e 15 bancos. “O contato de Rhodes e Dallara com os bancos americanos é mais estreito”, observou. Tanto é assim que o Citigroup, o FleetBoston, o J.P. Morgan e o Bank of America já confirmaram a presença. Sobre os resultados da reunião, o executivo acredita que muitos bancos já reduziram bastante suas linhas de crédito de comércio exterior ao Brasil e estão confortáveis em firmar “um compromisso de cavalheiros”, ou um compromisso mais informal, para manter o crédito nos níveis atuais, depois dos cortes já sofridos.

RESULTADO PODE SER DECLARAÇÃO DE APOIO

Na opinião do economista-chefe para mercados emergentes da Alliance Capital Management, James Barrineau, os bancos com atuação global, como os americanos e alguns dos europeus, devem

assumir uma posição muito mais cautelosa sobre suas exposições ao crédito no Brasil, ao contrário do Banco Santander, que prometeu manter as linhas comerciais ao País, no valor de US\$ 600 milhões.

Em relação à reunião de Malan e Fraga com os bancos comerciais, em Nova York, Barrineau acredita que “a América Latina tem sido o foco para muitos bancos espanhóis, portanto fica mais difícil pa-

ra eles reduzirem suas exposições e linhas de crédito para o Brasil”.

“Esses bancos já investiram alguns bilhões de dólares na América Latina e, mesmo reduzindo um pouco suas linhas comerciais no Brasil, ainda podem conseguir lucrar na região”, explicou o economista. “Já os bancos globais, especialmente os americanos, querem evitar novas perdas que possam afetar os seus resultados globais. Portanto, serão mais cautelosos com o Brasil.”

Barrineau acredita que ao final da reunião os banqueiros de instituições globais deverão dar declarações de apoio, porém com um tom cauteloso. O economista da Alliance Capital, que administra fundos dedicados a mercados emergentes e América Latina, acha que Malan e Fraga poderão expor melhor a situação da econo-

mia brasileira, acalmando mais os bancos estrangeiros.

Sob pressão – Na opinião do economista-chefe para mercados emergentes do Banco UBS Warburg, Michael Gavin, o Brasil conseguirá apenas um compromisso informal dos bancos comerciais para interromper a redução nas linhas de crédito ao País.

Segundo o economista, os bancos estão sob forte pressão dos seus acionistas para reduzir sua exposição a créditos vistos como problemáticos, tanto privados quanto soberanos, neste caso em especial o crédito ao Brasil.

Mas Gavin acredita que Malan e Fraga poderão sair das reuniões com alguma atitude de apoio por parte dos bancos. “O que já será positivo para os mercados na semana que vem.” (AE)